

Mercado de Trabalho

conjuntura e análise

ANO 25 | Abril de 2019

66

Governo Federal

Ministério da Economia

Ministro Paulo Guedes

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Carlos von Doellinger

**Diretor de Desenvolvimento Institucional,
Substituto**

Manoel Rodrigues dos Santos Junior

**Diretor de Estudos e Políticas do Estado,
das Instituições e da Democracia**

Alexandre de Ávila Gomide

**Diretor de Estudos e Políticas
Macroeconômicas**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

**Diretor de Estudos e Políticas Regionais,
Urbanas e Ambientais**

Aristides Monteiro Neto

**Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação
e Infraestrutura**

André Tortato Rauen

Diretora de Estudos e Políticas Sociais

Lenita Maria Turchi

**Diretor de Estudos e Relações Econômicas
e Políticas Internacionais**

Ivan Tiago Machado Oliveira

Assessora-chefe de Imprensa e Comunicação

Mylena Pinheiro Fiori

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Mercado de Trabalho: conjuntura e análise

CORPO EDITORIAL

Editor Responsável

Carlos Henrique Leite Corseuil

Membros

Felipe Mendonça Russo

Lauro Ramos

Sandro Pereira Silva

Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Apoio

Bruna de Souza Azevedo

Gabriela Carolina Rezende Padilha

Luciana Moura Martins Costa

Leandro Pereira da Rocha

As publicações do Ipea estão disponíveis para download gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

DESIGUALDADE SALARIAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE DURANTE A CRISE ECONÔMICA DE ACORDO COM OS RECORTES DE GÊNERO E RAÇA

Raul Luís Assumpção Bastos¹

1 INTRODUÇÃO

A crise econômica por que passou o país em 2015 e 2016 teve impactos relevantes sobre o mercado de trabalho da região metropolitana (RM) de Porto Alegre. A taxa de desemprego, que havia atingido 5,9% em 2014, a menor da série histórica da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) na RM de Porto Alegre, cuja primeira média anual é a de 1993, elevou-se para 8,7% em 2015 e 10,7% em 2016. Os acréscimos no contingente de desempregados foram de 56 mil pessoas em 2015 e 33 mil em 2016. Assim, neste último ano, o contingente de desempregados na RM havia tido um crescimento de 78,8% em comparação a 2014.

Na conjuntura recessiva ocorreu uma acentuada redução do salário médio real no mercado de trabalho regional. Após ter passado por um processo de recuperação e crescimento, que se estendeu de 2004 a 2014, o salário médio real registrou uma queda abrupta em 2015 e 2016, acumulando nesses dois anos uma perda de 15%, situando-se próximo ao piso da série histórica da pesquisa.

Esboçados esses aspectos contextuais, o objetivo desta nota técnica é o de analisar a desigualdade salarial na RM de Porto Alegre durante a crise econômica, em 2015 e 2016, de acordo com os recortes demográficos de gênero e raça. Em trabalho anterior, foi mostrado que ocorreu redução da desigualdade salarial agregada e por categorias de emprego no mercado de trabalho regional, na conjuntura recessiva (Bastos, 2017). Nesta nota, tem-se o propósito de retomar aquela investigação, mas, agora, privilegiando novos recortes analíticos. Ou seja, tendo por referência os recortes de gênero e raça, se confirmará o processo de redução da desigualdade salarial na RM de Porto Alegre durante a crise econômica para esses grupos populacionais? Em caso de resposta afirmativa a essa indagação, a intensidade da queda da desigualdade salarial terá sido semelhante para homens e mulheres e para negros e não negros? Qual a contribuição da desigualdade

1. Economista do Departamento de Economia e Estatística da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (Seplag) do governo do estado do Rio Grande do Sul.

salarial intergrupos para o comportamento da desigualdade salarial agregada no contexto da crise econômica? Este trabalho procura esboçar respostas para essas indagações.

A nota técnica encontra-se assim organizada: após esta breve introdução, a seção 2 trata dos salários e da desigualdade salarial de acordo com o recorte de gênero na RM de Porto Alegre, no contexto da crise econômica; a seção 3 tem o mesmo objeto, o qual é analisado segundo o recorte racial; a seção 4 sobrepõe os recortes de gênero e raça para analisar os salários e a desigualdade salarial na conjuntura recessiva; e, na seção 5, encontram-se as considerações finais.

2 DESIGUALDADE SALARIAL: O RECORTE DE GÊNERO

Assim como incidiu nos indicadores agregados do mercado de trabalho na RM de Porto Alegre, a crise econômica se manifestou intensamente quando analisada pelo recorte de gênero. No que diz respeito às taxas de desemprego, estas vinham em uma trajetória descendente até 2014, quando atingiram os pisos de 5,4% para homens e 6,6% para mulheres.² Com o advento da crise econômica, a taxa de desemprego dos homens elevou-se para 8,4% em 2015 e 10,2% em 2016; e a das mulheres, para 9,1% e 11,2%, na mesma referência comparativa. Isto significou, na comparação de 2014 com 2016, acréscimos absolutos de 49 mil desempregados no contingente masculino e de 40 mil no feminino e, em termos relativos, variações de 87,9% e 70,0%, respectivamente.

Quanto aos salários médios reais, tanto para homens quanto mulheres, estes tiveram uma queda muito acentuada na crise econômica (gráfico 1). No caso dos homens, cotejando-se o ano de 2014 com o de 2016, o salário médio real teve uma retração de 17,6%; e, no das mulheres, de 11,3%. Assim como havia sido observado para o desemprego, os salários reais, na crise econômica, deterioraram-se mais entre os homens do que entre as mulheres.

Uma vez identificada a grande deterioração dos salários médios reais na RM de Porto Alegre durante a crise econômica, passa-se agora a investigar a evolução da desigualdade salarial de acordo com o recorte de gênero. Isto porque, em trabalho anterior, havia sido mostrado que a desigualdade salarial agregada, por setores de atividade econômica e por categorias de emprego, passou por um processo de redução durante a crise econômica (Bastos, 2017). Todavia, quando se adota o recorte de gênero, as novas evidências sobre a desigualdade salarial irão ao encontro daqueles resultados?

Para procurar responder a essa questão, foi utilizada uma medida sumária de desigualdade, o índice de Theil dos salários-hora reais.³ Por meio desta, será possível analisar não somente a evolução da desigualdade salarial de homens e mulheres durante a crise econômica na RM de Porto Alegre, como também a contribuição de cada um dos grupos populacionais à desigualdade salarial agregada, uma vez que o índice de Theil pode ser decomposto de forma aditiva (Conceição e Galbraith, 2001; Hao e Naiman, 2010; Cowell, 2011).

2. A taxa de desemprego de 2014 é o piso da série histórica da PED na RM de Porto Alegre, cuja primeira média anual é a de 1993.

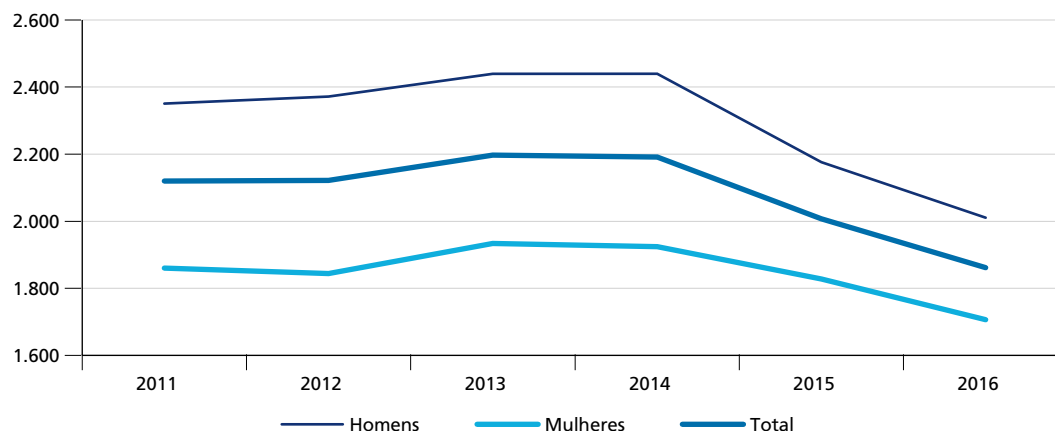
3. A desigualdade salarial será medida em *salários-hora reais*, por considerá-los mais apropriados para este objeto de pesquisa do que os salários reais totais.

Desigualdade Salarial na Região Metropolitana de Porto Alegre Durante a Crise Econômica de Acordo com os Recortes de Gênero e Raça

GRÁFICO 1

Salário médio real total e por sexo – RM de Porto Alegre (2011-2016)

(Em R\$)



Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio Fundação de Economia e Estatística (FEE), Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS), Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e apoio do Fundo de Amparo ao Trabalhador do Ministério do Trabalho (FAT/MTb).

Obs.: Inflator Índice de Preços ao Consumidor do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (IPC-IEPE); valores em reais de novembro de 2016.

Inicialmente, cabe recuperar que o índice de Theil⁴ agregado reduziu-se durante a crise econômica na RM, tendo passado de 0,3055 em 2014 para 0,2905 em 2015 e 0,2531 em 2016. Quando se segmentam os assalariados por sexo, pode-se constatar que a desigualdade salarial diminuiu tanto para homens quanto para mulheres, mas a intensidade da sua queda foi muito maior para o segmento feminino (tabela 1). Quando se compara 2014 com 2016, o índice de Theil dos assalariados de sexo feminino teve uma redução de -28,4% e, entre os de sexo masculino, de -5,6% (gráfico 2). Devido a esses comportamentos, a estrutura salarial das mulheres, que, em 2014, era mais desigual do que a dos homens – índices de Theil de 0,3378 e 0,2756, respectivamente –, tinha se tornado menos desigual em 2016 – índices de Theil de 0,2417 e 0,2601, respectivamente.

TABELA 1

Índice de Theil dos salários-hora reais agregado e por sexo, e distribuição do emprego por sexo – RM de Porto Alegre (2011-2016)

Ano	Theil agregado	Theil		Desigualdade		Contribuição à desigualdade intragrupos		Distribuição do emprego (%)	
		Homens	Mulheres	Intragrupos	Intergrupos	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2011	0,3244	0,3093	0,3352	0,3204	0,0030	0,1768	0,1436	53,3	46,7
2012	0,3067	0,2971	0,3114	0,3033	0,0034	0,1698	0,1335	53,0	47,0
2013	0,3166	0,3044	0,3261	0,3139	0,0027	0,1713	0,1426	52,6	47,4
2014	0,3055	0,2756	0,3378	0,3030	0,0025	0,1544	0,1486	52,4	47,6
2015	0,2905	0,2728	0,3090	0,2893	0,0012	0,1484	0,1409	51,9	48,1
2016	0,2531	0,2601	0,2417	0,2517	0,0015	0,1411	0,1106	51,5	48,5

Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio do FAT/MTb.

4. Sempre que for feita referência ao índice de Theil, ficará implícito que se estará tratando da desigualdade dos salários-hora reais.

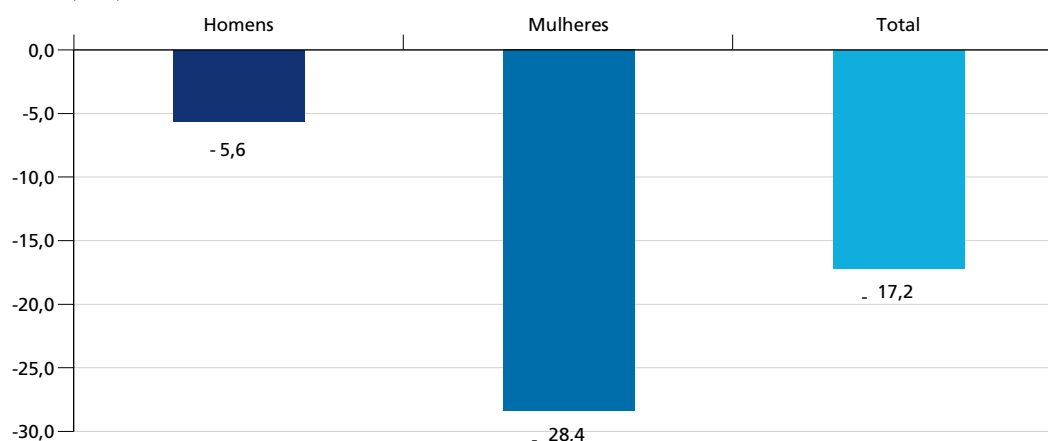
A decomposição do índice de Theil agregado na RM de Porto Alegre nos componentes intragrupos e intergrupos para o recorte de gênero revela que o primeiro teve redução em 2015 e 2016, e o segundo, somente em 2015 – embora, em 2016, tenha ficado em nível inferior ao de 2014 (tabela 1). Todavia, algo que chama atenção é o quanto o componente intergrupos representa a desigualdade salarial agregada: somente 0,8% em 2014, 0,4% em 2015 e 0,6% em 2016.⁵ Em outros termos, o que este resultado sugere é que, no período que está sendo objeto de investigação, a desigualdade salarial entre os sexos na RM de Porto Alegre deu uma contribuição ínfima para explicar a desigualdade salarial agregada.

Quanto à contribuição de cada um dos sexos para a formação do componente intragrupos da desigualdade salarial durante a crise econômica, o que se constata é a redução do peso relativo do segmento feminino, de 49,0% em 2014 para 48,7% em 2015 e 43,9% em 2016, e, como decorrência, o aumento do peso relativo do segmento masculino (tabela 1). Isto é derivado, como já visto, do fato de a desigualdade salarial das mulheres, medida pelo índice de Theil, ter tido uma retração muito mais acentuada do que a dos homens, em 2015 e 2016. Como referência comparativa, pode-se ainda assinalar que os homens davam, em 2014, uma contribuição à desigualdade salarial intragrupos (51,0%) inferior à sua parcela relativa no emprego regional (52,4%); em 2016, a situação havia se modificado, uma vez que o primeiro desses indicadores aumentou para 56,1% e o segundo diminuiu para 51,5%.

GRÁFICO 2

Varição do índice de Theil dos salários-hora reais total e por sexo – RM de Porto Alegre (2014 e 2016)

(Em %)



Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio do FAT/MTb.

3 DESIGUALDADE SALARIAL: O RECORTE RACIAL

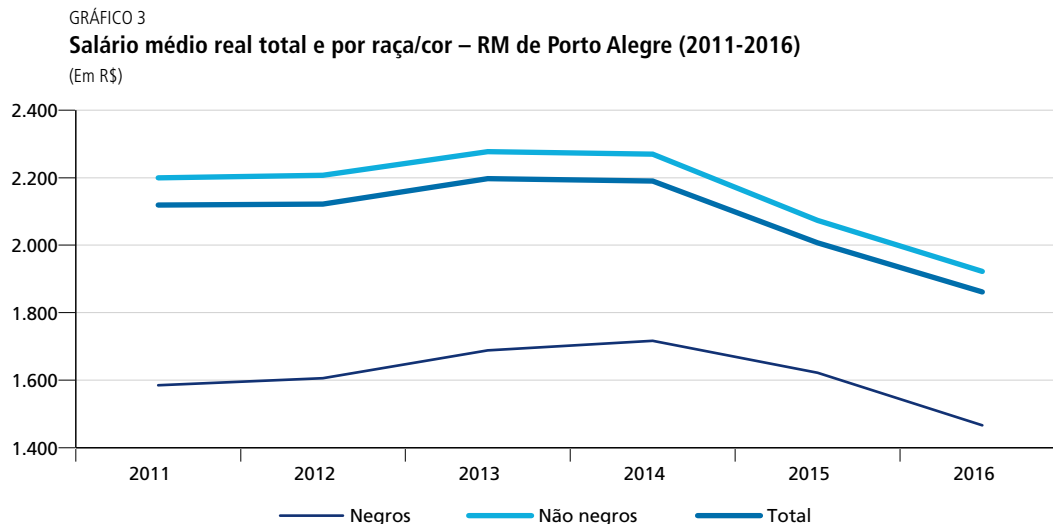
Adotando-se agora o recorte racial para analisar o mercado de trabalho da RM de Porto Alegre no contexto da crise econômica, constata-se o quanto aumentou o desemprego para negros e não negros em 2015 e 2016. Para o primeiro grupo populacional, a taxa de desemprego elevou-se de 8,5% em 2014 para 12,6% em 2015 e 16,1% em 2016; e, para o segundo, de 5,5% para 8,1% e 9,9%, respectivamente. Ou seja, a taxa de

5. Embora não tenham como objeto de análise a estrutura salarial, há estudos que problematizam a capacidade de o componente intergrupos explicar a desigualdade agregada quando esta é decomposta por características sociodemográficas (Cowell e Jenkins, 1995; Elbers *et al.*, 2008).

Desigualdade Salarial na Região Metropolitana de Porto Alegre Durante a Crise Econômica de Acordo com os Recortes de Gênero e Raça

desemprego teve um incremento muito acentuado para ambos os grupos durante a recessão econômica. Na comparação de 2014 e 2016, os acréscimos nos contingentes de desempregados foram de 14 mil pessoas entre os negros (variação relativa de 63,6%) e de 75 mil entre os não negros (variação relativa de 82,4%).

No que diz respeito aos salários médios reais na conjuntura da crise econômica, estes declinaram intensamente para negros e não negros, interrompendo o processo de melhora desse indicador que havia ocorrido até 2014 (gráfico 3).⁶ Na comparação de 2014 com 2016, a redução do salário médio real foi um pouco mais acentuada entre os não negros (-15,3%) do que entre os negros (-14,6%).



Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio FEE, FGTS, Seade, DIEESE e apoio do FAT/MTB.

Obs.: 1. Negros = pretos e pardos; e não negros = brancos e amarelos.

2. Inflator IPC-IEPE; valores em reais de novembro de 2016.

Passando-se a investigar a desigualdade salarial durante a crise econômica na RM de Porto Alegre segundo o recorte racial, na tabela 2 pode-se observar a evolução do índice de Theil para negros e não negros.⁷ De acordo com o que se constata, ocorreu redução da desigualdade salarial para os dois grupos populacionais no período de interesse: o índice de Theil entre os negros passou de 0,2022 em 2014 para 0,1746 em 2015 e 0,1309 em 2016, enquanto, entre os não negros, essa medida de desigualdade passou de 0,3116 em 2014 para 0,3005 em 2015 e 0,2629 em 2016. Quando se compara 2014 com 2016, esses resultados evidenciam que a desigualdade salarial durante a crise econômica se reduziu com muito mais intensidade entre os negros (-35,3%) do que entre os não negros (-15,6%) – gráfico 4. Destaca-se, ainda, que a desigualdade salarial, quando medida pelo índice de Theil, se revela em patamares muito inferiores entre os negros em relação aos não negros.

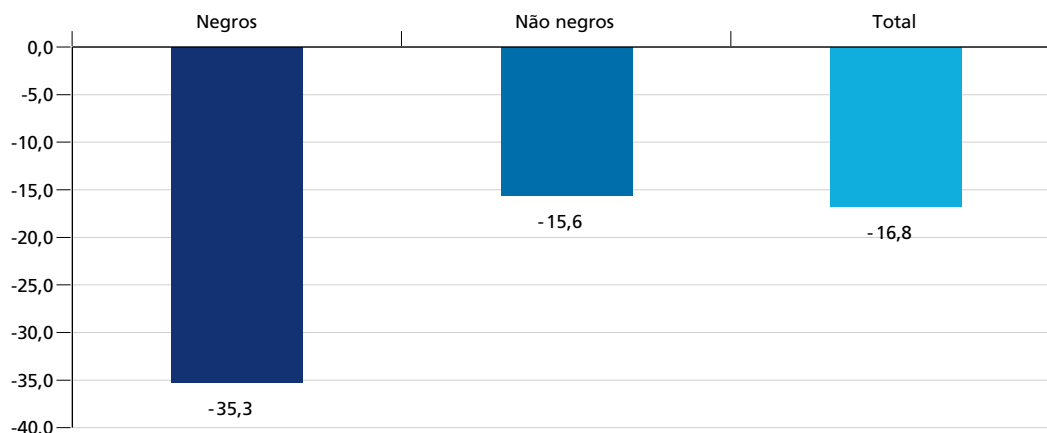
6. Para uma análise comparativa entre negros e não negros no mercado de trabalho da RM de Porto Alegre no período 2001-2010, ver Vergara (2014).

7. Há pequenas diferenças entre os índices de Theil agregados das tabelas 1 e 2. Isto deve-se ao fato de que, para calcular o índice de Theil agregado da tabela 2, foram excluídas da base de microdados as células em que não havia a informação de raça/cor dos indivíduos.

GRÁFICO 4

Varição do índice de Theil dos salários-hora reais total e por raça/cor – RM de Porto Alegre (2014 e 2016)

(Em %)



Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio FEE, FGTS, Seade, DIEESE e apoio do FAT/MTb.

Obs.: Negros = pretos e pardos; e não negros = brancos e amarelos.

Decompondo-se o índice de Theil agregado, percebe-se que tanto o componente intragrupos quanto o intergrupos se reduziram na conjuntura de crise econômica (tabela 2). O primeiro passou de 0,2994 em 2014 para 0,2859 em 2015 e 0,2492 em 2016, e o segundo, diminuiu de 0,0048 para 0,0042 e 0,0040, na mesma referência comparativa. O componente intergrupos como proporção do índice de Theil agregado situava-se nos seguintes patamares no período de interesse: 1,6% em 2014, 1,4% em 2015 e 1,6% em 2016. Assim, identifica-se que o peso relativo desse componente não se alterou quando da comparação de 2014 com 2016. Afora esse aspecto, destaca-se, também, no que se refere ao recorte racial, que o componente intergrupos representa relativamente pouco da desigualdade salarial agregada no período em análise.

TABELA 2

Índice de Theil dos salários-hora reais agregado e por raça/cor, e distribuição do emprego por raça/cor – RM de Porto Alegre (2011-2016)

Ano	Theil agregado	Theil		Desigualdade		Contribuição à desigualdade intragrupos		Distribuição do emprego (%)	
		Negros	Não negros	Intragrupos	Intergrupos	Negros	Não negros	Negros	Não negros
2011	0,3234	0,2194	0,3286	0,3180	0,0054	0,0213	0,2967	13,1	86,9
2012	0,3067	0,1780	0,3157	0,3008	0,0058	0,0197	0,2811	14,6	85,4
2013	0,3166	0,2194	0,3222	0,3116	0,0050	0,0226	0,2890	13,6	86,4
2014	0,3042	0,2022	0,3116	0,2994	0,0048	0,0225	0,2769	14,4	85,6
2015	0,2901	0,1746	0,3005	0,2859	0,0042	0,0201	0,2658	14,7	85,3
2016	0,2531	0,1309	0,2629	0,2492	0,0040	0,0136	0,2356	13,3	86,7

Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio FEE, FGTS, Seade, DIEESE e apoio do FAT/MTb.

Obs.: Negros = pretos e pardos; e não negros = brancos e amarelos.

Quanto à contribuição de cada um dos grupos populacionais para a formação do componente intragrupos do índice de Theil, constata-se a sua redução para os negros durante a crise econômica, de 7,5% em 2014 para 7,0% em 2015 e 5,5% em 2016 (tabela 2). Claramente, isto foi uma decorrência da queda mais intensa de desigualdade

salarial entre os negros naquela conjuntura econômica. Pode-se, ainda, assinalar que essas proporções correspondiam a níveis muito inferiores ao da participação relativa dos negros no emprego assalariado total da RM de Porto Alegre, jamais inferior a 13,0% no período de análise.

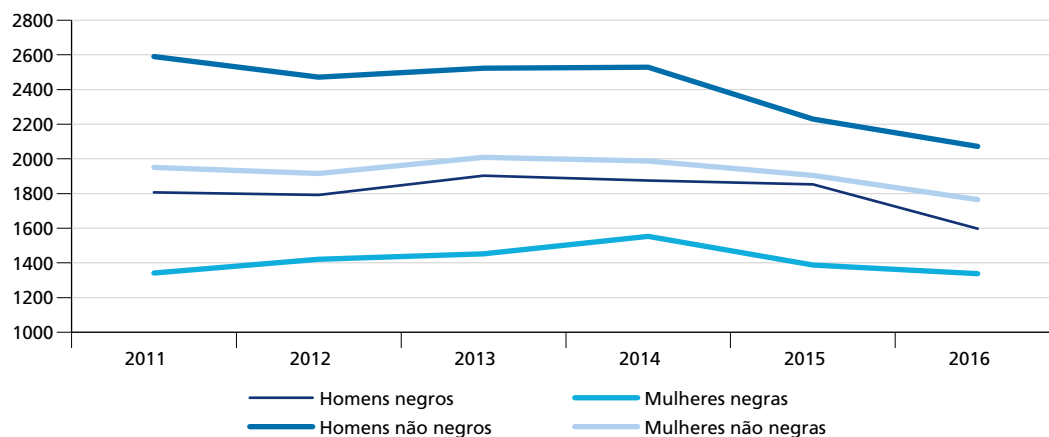
4 DESIGUALDADE SALARIAL: A SOBREPOSIÇÃO DOS RECORTES DE GÊNERO E RAÇA

Nesta seção, para procurar avançar no conhecimento da desigualdade salarial na RM de Porto Alegre durante a crise econômica, em 2015 e 2016, são sobrepostos os recortes de gênero e raça.

Ao se segmentar a população nos quatro grupos populacionais que agora são de interesse, uma noção aproximada do impacto da crise econômica é dada pela evolução do desemprego entre eles verificada. Na comparação de 2014 com 2016, a taxa de desemprego dos homens negros aumentou de 7,9% para 15,5%; das mulheres negras, de 9,2% para 16,6%; dos homens não negros, de 5,0% para 9,6%; e das mulheres não negras, de 6,2% para 10,4%. Em termos relativos, a taxa de desemprego elevou-se mais entre os homens negros (96,2%) e os não negros (92,0%), comparativamente às mulheres negras (80,4%) e às não negras (67,7%). As mulheres, ainda assim, continuaram com maiores níveis de desemprego do que os homens, tanto negros quanto não negros.

Os salários médios reais tiveram queda para todos os quatro grupos populacionais durante a crise econômica (gráfico 5).⁸ As retrações, na comparação de 2014 com 2016, foram de maior intensidade no segmento masculino: 18,0% entre os homens não negros e 14,8% entre os negros. No segmento feminino, o salário médio real das mulheres negras teve uma redução de 13,9% e o das não negras, de 11,2%.

GRÁFICO 5
Salário médio real por sexo e raça/cor – RM de Porto Alegre (2011-2016)
(Em R\$)



Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio FEE, FGTA, Seade, DIEESE e apoio do FAT/MTb.

Obs.: 1. Negros = pretos e pardos; e não negros = brancos e amarelos.

2. Inflator IPC-IEPE; valores em reais de novembro de 2016.

8. Assinale-se que, no caso dos homens negros e das mulheres não negras, os salários médios reais já haviam iniciado um processo de redução em 2014.

Quanto à desigualdade salarial na crise econômica, o índice de Theil revela trajetórias com diferenças entre os quatro grupos populacionais (tabela 3). As mulheres negras e as não negras evidenciam um processo inequívoco de redução da desigualdade salarial: os índices de Theil passaram, de 2014 para 2016, de 0,2317 para 0,1287, e de 0,3472 para 0,2576, respectivamente. No caso dos homens negros, a queda do índice de Theil ficou circunscrita ao ano de 2016, quando atingiu 0,1296, uma vez que, em 2015, este havia aumentado. Já para os homens não negros, identifica-se uma modesta variação negativa do índice de Theil, que passou de 0,2792 em 2014 para 0,2707 em 2016.

Tendo como referência essas diferentes trajetórias, o índice de Theil havia se reduzido, na comparação de 2014 com 2016, 44,5% para as mulheres negras, 27,8% para as mulheres não negras, 25,8% para os homens negros, e somente 3,0% para os homens não negros (gráfico 6). Esses comportamentos implicaram que as mulheres negras passaram a ter, em 2016, a estrutura salarial com menor desigualdade entre os quatro grupos populacionais. Afora esse aspecto, a desigualdade salarial do segmento feminino não negro passou a se situar em nível inferior ao do segmento masculino não negro, em 2016.

TABELA 3
Índice de Theil dos salários-hora reais agregado, por sexo e raça/cor – RM de Porto Alegre (2011-2016)

Ano	Theil agregado	Theil				Desigualdade		Contribuição à desigualdade intragrupos			
		Homens negros	Mulheres negras	Homens não negros	Mulheres não negros	Intragrupos	Intergrupos	Homens negros	Mulheres negras	Homens não negros	Mulheres não negros
2011	0,3234	0,2008	0,2384	0,3143	0,3405	0,3150	0,0083	0,0109	0,0102	0,1626	0,1313
2012	0,3067	0,1747	0,1796	0,3055	0,3213	0,2974	0,0092	0,0109	0,0084	0,1555	0,1226
2013	0,3166	0,2312	0,1915	0,3082	0,3344	0,3088	0,0077	0,0138	0,0083	0,1551	0,1316
2014	0,3042	0,1747	0,2317	0,2792	0,3472	0,2969	0,0073	0,0104	0,0119	0,1395	0,1351
2015	0,2901	0,1948	0,1395	0,2797	0,3232	0,2846	0,0055	0,0124	0,0072	0,1343	0,1307
2016	0,2531	0,1296	0,1287	0,2707	0,2506	0,2478	0,0053	0,0071	0,0063	0,1320	0,1024

Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio FEE, FGTA5, Seade, DIEESE e apoio do FAT/MTb.

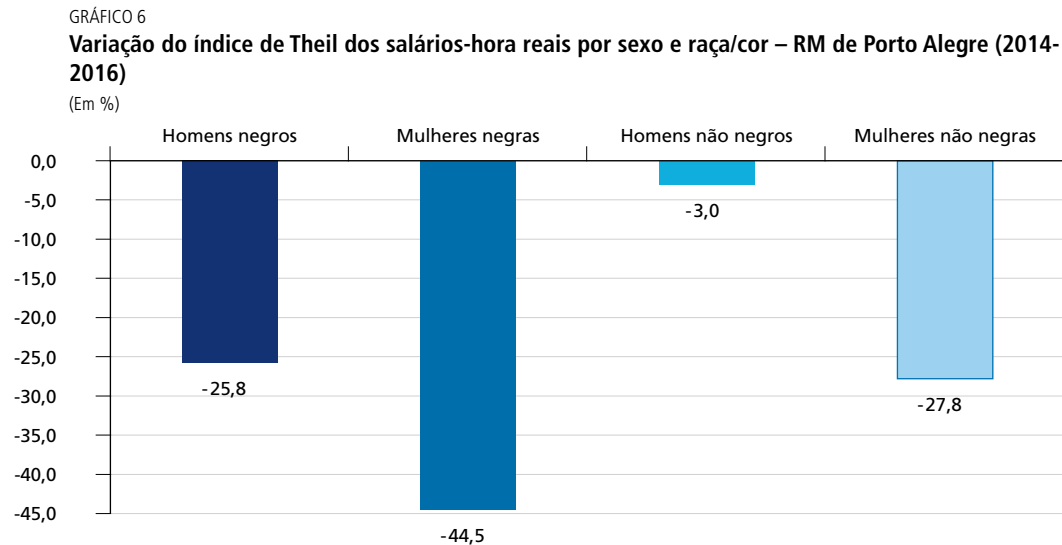
Obs.: Negros = pretos e pardos; e não negros = brancos e amarelos.

A decomposição do índice de Theil agregado por gênero e raça mostra que tanto o componente intragrupos quanto o intergrupos tiveram queda durante o período recessivo: o primeiro passou de 0,2969 em 2014 para 0,2846 em 2015 e 0,2478 em 2016; e o segundo, de 0,0073 para 0,0055 e 0,0053, naqueles mesmos anos (tabela 3). Enquanto proporção da desigualdade salarial agregada, o componente intergrupos diminuiu de 2,4% em 2014 para 1,9% em 2015, e aumentou levemente, para 2,1%, em 2016. Fica claro, todavia, que a sua capacidade de explicar a desigualdade salarial agregada, nesse período, é relativamente modesta.

Como decorrência do comportamento do índice de Theil de cada um dos grupos populacionais durante a crise econômica, anteriormente descrito, o aspecto que mais se destaca é o acréscimo da contribuição dos homens não negros ao componente intragrupos da desigualdade salarial, que passou de 47,0% em 2014 para 53,3% em 2016 (tabela 3).

Desigualdade Salarial na Região Metropolitana de Porto Alegre Durante a Crise Econômica de Acordo com os Recortes de Gênero e Raça

Esta contribuição supera a participação relativa desse grupo populacional na estrutura do emprego regional, de cerca de 45,0% nos anos de interesse. Por sua vez, os outros três grupos populacionais tiveram reduções das suas contribuições no componente intragrupos da desigualdade salarial, as quais se tornaram inferiores às suas participações relativas na estrutura do emprego da RM de Porto Alegre, em 2015 e 2016.



Fonte: PED na RM de Porto Alegre – Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio do FAT/MTb.

Obs.: Negros = pretos e pardos; e não negros = brancos e amarelos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi mostrado nesta nota técnica, ocorreu uma acentuada queda dos salários médios reais na RM de Porto Alegre durante a crise econômica, em 2015 e 2016, para todos os recortes demográficos que foram objeto de análise. Assinale-se que a redução salarial foi de maior magnitude entre os homens, tanto negros quanto não negros.

Segundo o recorte de gênero, a desigualdade da estrutura salarial na crise econômica evidenciou queda de maior intensidade no segmento feminino. Como decorrência desse fato, em 2016, as mulheres passaram a ter uma estrutura salarial menos desigual do que a dos homens, algo que não se verificava no período imediatamente antecedente à conjuntura recessiva. A decomposição do índice de Theil dos salários-hora reais no recorte de gênero revelou que o componente intergrupos representa uma parte ínfima da desigualdade salarial agregada, e esta diminuiu na comparação de 2014 com 2016. A quase totalidade da desigualdade salarial agregada é devida ao componente intragrupos, e os homens nele aumentaram o seu peso relativo durante a recessão econômica.

No que diz respeito ao recorte racial, a desigualdade da estrutura salarial se reduziu muito mais entre os negros comparativamente aos não negros, em 2015 e 2016. Isso fez com que os primeiros, em 2016, passassem a ter um nível de desigualdade salarial – medido pelo índice de Theil – inferior à metade daquele verificado entre os últimos. Também aqui, o componente intergrupos representava relativamente pouco da desigualdade salarial agregada e manteve-se, em 2016, no mesmo patamar de 2014. Quanto ao componente

intragrupos da desigualdade salarial agregada, os não negros nele aumentaram o seu peso relativo durante a crise econômica.

A sobreposição dos recortes de gênero e raça permitiu revelar intensidades bastante distintas de queda da desigualdade salarial na RM de Porto Alegre ao longo do contexto da crise econômica. A magnitude da redução foi muito acentuada entre as mulheres negras e ínfima entre os homens não negros; entre os homens negros e as mulheres não negras, por sua vez, a queda da desigualdade das estruturas salariais foi expressiva e com intensidade semelhante, na comparação de 2014 com 2016. A decomposição do índice de Theil mostrou leve redução da contribuição do componente intergrupos em relação à desigualdade salarial agregada, na conjuntura recessiva. Quanto ao componente intragrupos, o que mais se destacou foi a elevação do peso relativo do segmento de homens não negros na sua formação.

Por fim, é necessário ressaltar que o processo de redução da desigualdade salarial na RM de Porto Alegre durante a crise econômica, em 2015 e 2016, não deve ser reconhecido como virtuoso. Isto porque, para todos os recortes demográficos utilizados neste trabalho, tal processo foi coetâneo ao aumento do desemprego e à redução dos salários médios reais.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, R. Desigualdade salarial na região metropolitana de Porto Alegre: o que ocorreu durante a crise econômica? **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 111-120, 2017.
- CONCEIÇÃO, P.; GALBRAITH, J. Constructing long, dense time: series of inequality using the Theil index. *In*: GALBRAITH, J.; BERNER, M. (Eds.). **Inequality and industrial change: a global view**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2001. p. 263-279.
- COWELL, F. **Measuring inequality**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- COWELL, F.; JENKINS, S. How much inequality can we explain? A methodology and an application to the United States. **The Economic Journal**, v. 105, n. 429, p. 421-430, 1995.
- ELBERS, C. *et al.* Reinterpreting between-group inequality. **Journal of Economic Inequality**, v. 6, n. 3, p. 231-245, 2008.
- HAO, L.; NAIMAN, D. **Assessing inequality**. New York: Sage Publishing, 2010. (Series Quantitative Applications in the Social Sciences, n. 166).
- VERGARA, D. H. Uma breve caracterização da inserção dos negros no mercado de trabalho da região metropolitana de Porto Alegre: 2001-2010. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 109-124, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BALTAR, P.; LEONE, E. A recessão 2015-2016 e o mercado de trabalho no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO TRABALHO, 15., 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABET, 2017.

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.



ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA
ECONOMIA

